

Nietzsche e Sartre: bárbaros da modernidade

Marcelo S. Norberto * **

Resumo: Este ensaio pretende refletir sobre a peculiar relação entre Nietzsche e Sartre. Das acusações infames de Sartre sobre a pseudo-relevância filosófica de Nietzsche aos pontos confluentes encontrados a partir da análise dos textos “David Strauss: sectário e escritor” e “O que é literatura?”, surge a possibilidade de uma nova compreensão desta afinidade existencial, para além dos aparatos conceituais de cada autor.

Palavras-chave: cultura inautêntica - extemporaneidade - agir filosófico – espelho existencial

É a nossa época que não tem estilo, ninguém ousa confessá-lo, mas a própria idéia de estilo tornou-se estranha, vai-se então para a linguagem pastiche, as combinações de empréstimo (Paul Valéry).

Nada mais temerário na filosofia do que tentar aproximar dois pensadores autônomos. O esforço de encontrar semelhanças em filosofias distintas quase sempre é recompensado com o enfraquecimento de ambas, transformando o que era antes vigoroso em uma massa disforme e sem viço. É preciso ter um grande objetivo, uma necessidade incontornável para que valha a pena o risco de perder a vitalidade do pensamento em questão. O perigo se torna maior quando um dos autores explicitamente desqualifica o outro. Como se já não bastasse a angústia de incorrer no problema citado, surge uma nova ameaça: ser flagrado em plena manobra intelectual de caráter grosseiro; o que só evidenciaria a incapacidade do pretense mediador.

* Este ensaio é dedicado à minha mãe *in memoriam*.

** Doutorando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor convidado do curso de especialização em Filosofia Contemporânea (PUC-Rio/CCE). E-mail: msnorberto@gmail.com.

Em certa medida, esta é a situação de quem almeja aproximar Nietzsche de Sartre. Nas poucas referências produzidas pelo pensador francês, é claro o seu conhecimento da obra nietzschiana¹, tanto quanto o desprezo por sua falsa relevância filosófica. De duas minguadas citações em “O ser e o nada”, sendo uma de natureza quase que literária², à acusação contundente no ensaio sobre Brice Parain³, Sartre deixa claro sua opinião sobre Nietzsche⁴.

Temos também os textos marginais. O mais simbólico é o ensaio perdido⁵ em que Sartre teria elevado Nietzsche ao Olimpo literário na companhia de Baudelaire, Genet e Flaubert. Além deste ensaio, há a novela “Une défaite”, na qual Sartre se inspira nas figuras de Wagner, Cosima e Nietzsche. O personagem do filósofo alemão reflete o temperamento do jovem Sartre. Ainda nas lembranças de

-
- 1 “Mais uma reviravolta se dá nos anos de 1920. O interesse pelo filósofo então ressurgiu com jovens intelectuais, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Nizan, Henri Lefebvre, Georges Bataille. Eles se voltam para as suas obras, frustrados com as correntes kantiana e bergsoniana que dominavam a filosofia francesa” Cf. MARTON, S. *Volts e reviravoltas - acerca da recepção de Nietzsche na França*. In: *Nietzsche, um “francês” entre os franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla; Discurso Editorial. 2009, p.26.
 - 2 “Mas se nos desvencilharmos do que Nietzsche chamava ‘a ilusão dos trás-mundos’, e não acreditarmos mais no ser-detrás-da-aparição, esta se tornará, ao contrário, plena positividade, e sua essência um ‘aparecer’ que já não se opõe ao ser, mas, ao contrário, é a sua medida.” Cf. SARTRE, J-P. *O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Editora Vozes. 2005, p.16.
 - 3 “Nietzsche não é filósofo”, “frivolidades”, referindo-se ao livro “Vontade de poder” Cf. SARTRE, J-P. *Ida e volta*. In: *Situações I - críticas literárias*. São Paulo: Editora CosacNaify. 2005, p.222.
 - 4 “(Nietzsche) terá sempre sucesso com aqueles que preconizam a forma à troca de idéias” Cf. SARTRE, J-P. *Carnet Midy*. In: *Écrits de Jeunesse*. Contat, Michel et Rybalka, Michel (org.). Paris: Éditions Gallimard. 1990, p.471 (minha tradução).
 - 5 Cf. RIDER, J. *Nietzsche en France - De la fin du XIX siècle au temps présent*. Paris: Presses Universitaires de France. 1999, p.137 e Cf. BEAUVOIR, S. *A cerimônia do adeus - seguido de Entrevistas com Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1982, p.251.

Raymond Aron⁶, há a influência de Nietzsche nos primeiros esboços sartrianos, nos tempos da *École Normale*, das noções de contingência e na distinção entre *para-si* e *em-si*⁷.

Nenhuma destas menções elucidam o caso. Nietzsche é tomado como uma inspiração secundária⁸. É a influência da literatura na filosofia, e não da filosofia reverberando na própria filosofia, como, por exemplo, Sartre com Hegel, Husserl ou Heidegger.

É preciso romper com rejeição externada pelo intelectual francês para que o obscuro, o inaudito possa emergir. Não adianta, por exemplo, analisar a passagem que Sartre recorre à noção do eterno retorno para explicar Jean Genet em “Saint Genet”, pois, novamente, seguiremos o rastro deixado em que o final já é previsível: a literatura fornecendo subsídios para que a filosofia brilhe.

Não se trata de recriminar tal prática, mas, se almejamos encontrar uma afinidade filosófica entre os dois autores, não é cabível retroceder a esta inspiração literária. É necessário então buscar becos menos iluminados, trilhas mais abandonadas, confronto de textos inesperados, situações em que os autores possam parecer mais vulneráveis, menos protegidos com sua artilharia teórica, enfim, mais propícios a novos diálogos, sendo quase que obrigados a responderem no calor da aproximação inusitada. Este é o solo cobiçado para tal empreitada. Para este fim, ou seja, uma tentativa de encontrar uma abertura, uma possibilidade de repensar esta

6 Cf. LÉVY, B-H. *O século de Sartre - inquérito filosófico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001, p. 147.

7 Ainda há algumas citações em “Carnets de la drôle de guerre”, “Cahiers pour une morale” e no “Carnet Midy”, obras inacabadas e publicadas postumamente.

8 “Ele (Nietzsche) é um poeta que teve a infelicidade de ser confundido com um filósofo” Cf. SARTRE, J-P. *Carnet Midy*. In: *Écrits de Jeunesse*. Contat, Michel et Rybalka, Michel (org.). Paris: Éditions Gallimard. 1990, p.471 (minha tradução).

relação, utilizaremos como foro por mim privilegiado a primeira intempestiva de Nietzsche, “David Strauss: sectário e escritor”, de 1873, e o ensaio sartriano “O que é literatura?”, de 1947.

* * *

Num momento de euforia germânica, surge um jovem professor de filologia irritado com a pequenez de uma Alemanha que se contenta em ser grande. Para ele, vitórias militares, imposições territoriais ou mera diversidade cultural não constituem uma civilização invejável. É preciso uma cultura autêntica que dê unidade à multiplicidade da vida para que um povo se torne digno de júbilo e de triunfo.

É a partir desta análise que Nietzsche resolve escrever ensaios de intervenção, as “Considerações Intempestivas”. Do projeto inicial, foram realizadas somente quatro “Considerações”, das quais iremos privilegiar a primeira extemporânea. Nesta primeira intervenção, Nietzsche se propõe a analisar o escritor David Strauss e sua obra “A antiga e a nova fé”. Porém, por meio desta proposta inicial, Nietzsche realiza uma dura crítica à cultura alemã contemporânea, especialmente ao erudito desta pseudo-civilização, chamado no texto pela alcunha de *filisteu culto*.

Ao contrário do que a imprensa e os ilustrados da época pregavam⁹, Nietzsche identifica na Alemanha um enfraquecimento do pensamento, um esvaziamento da vitalidade cultural de seu país¹⁰.

9 “Depois da guerra, essa tropa é só felicidade, gravidade e confiança em si” (DS/Co. Ext. I, 1, KGW 3.157).

10 “Aí está o que deveríamos todos saber a nosso respeito; por isso um dos raros homens que tinha o direito de recriminar os alemães falou publicamente: ‘Nós, alemães - dizia um dia Goethe a Eckermann, somos de ontem’” (DS/Co. Ext. I 1, KGW 3.160).

A confusão feita entre uma vitória militar e uma superioridade artística já diz muito sobre a má-compreensão do que seja uma cultura admirável e altiva.

Torna-se urgente, para Nietzsche, destruir a discutível sensação de plenitude que os alemães passaram a ter, a fim de salvar a sociedade germânica do empobrecimento completo. Ao se recusar a compartilhar desta excitação desmedida e injustificável, o filósofo alemão se coloca em uma posição privilegiada para repensar seu tempo e descortinar o véu que cegava seu povo.

Em 1947, um outro pensador se depara com um cenário inquietante. Dois anos depois de criar a revista cujo o título já demonstrava o seu comprometimento com uma nova era¹¹, Sartre se sente impelido a se colocar à contracorrente, a ser aquele que polemiza com o *status quo* francês. O bem em perigo é a literatura e os “visigodos” em questão são os distintos escritores franceses. O anseio pela pureza na arte da escrita, homens desejosos de serem clérigos¹², confusão entre poesia e prosa e a recusa de comprometimento no escrever são alguns dos equívocos que introduziram uma debilidade na força vital da linguagem.

Em nome de valores eternos, de signos abstratos como a liberdade, justiça e razão, os eruditos renegam a vida, a sua época e produzem assim uma concepção desencarnada de literatura¹³. Esta desordem passa a ser introjetada pelo escritor ilustrado, que não sabe mais qual é o seu lugar no mundo: “o homem de letras escreve enquanto se batem; um dia, tem orgulho nisso, sente-se

11 “Les Temps Modernes” é uma evidente homenagem ao filme de Charles Chaplin.

12 Em francês, “clerc” significa tanto clérigo letrado medieval quanto um tipo de intelectual moderno.

13 Nietzsche já havia denunciado este escapismo erudito: “São palavras belas, solenes, reluzentes, tilintantes: honestidade, amor à verdade, amor à sabedoria, sacrifício pelo conhecimento, heroísmo do que é veraz (...) essa digna pompa verbal é parte do velho enfeite-mentira, poeira e purpurina da inconsciente vaidade humana” (JGB/BM 230, KGW 6.175).

depositário e guarda dos valores ideais; no dia seguinte, sente vergonha disso, pensa que a literatura se assemelha muito a um modo de afetação especial”¹⁴.

Esta desorientação é um terrível risco para a literatura do século XX. O suposto erudito, crítico por profissão e por desespero¹⁵, contribui para que “se leia mal, afoitamente, e se julgue antes de se compreender”¹⁶, levando a um dilaceramento do nobre tecido que aproxima os homens no espetáculo literário. Em termos sartrianos, esta prática introduz uma opacidade no seio da arte literária, contaminando as palavras e adoecendo a linguagem. Era preciso reagir!¹⁷

Os dois autores possuem oponentes definidos: o filisteu culto e o crítico literário. Para a compreensão destas figuras apresentadas por Nietzsche e Sartre como aqueles que perpetraram práticas detestáveis em suas épocas, é preciso entender que são personagens criados (tipos) e, portanto, representantes de um conceito do que seja cultura.

O filisteu culto não se trata de uma mera variação do filisteu historicamente entendido: não é o burguês ignorante, incapaz de reconhecer a sutileza da arte, mas, ao contrário, aquele tido como filho da cultura, intelectuais e artistas que se julgam superiores, porém incapazes de atribuir unidade de estilo ao seu fazer cultural (DS/Co. Ext. I, 2 KGW 3.160-165). Da mesma forma, o crítico

14 Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.10.

15 “O crítico vive mal; sua mulher não o aprecia como seria de se desejar, seus filhos são ingratos, os fins de mês são difíceis. Mas ele ainda pode entrar na sua biblioteca, apanhar um livro na estante e abri-lo. Do livro escapa um leve odor de porão, e tem início então uma estranha operação que ele decidiu chamar de leitura” Cf. SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática. 2004, p.24.

16 *ibid.*, prefácio.

17 “Não queremos ter vergonha de escrever e não sentimos a necessidade de falar para não dizer nada” Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.11.

de Sartre não é simplesmente o representante da crítica literária, função esta exercida pelo próprio Sartre em diversos ensaios. É o homem erudito que renega a vida e se esconde atrás de um papel social respeitável para matar um pensamento potente.

Em ambos os casos, do filisteu culto ao crítico literário, a cultura está entregue ao seu maior inimigo. Enquanto a cultura em geral, ou a literatura, deveria ser um espaço propício para que o novo surgisse, para que a vida adquirisse uma dimensão mais essencial, humana, seus detratores dissimulados acabam por silenciá-la e podá-la de qualquer fagulha de vitalidade.

Para Nietzsche, aquilo que é produzido e fomentado pelo filisteu culto não se assemelha, nem vagamente, a uma cultura dita vigorosa, a não ser no vigor com que estes bárbaros “rejeitam todo estilo cultural e artístico rigoroso” (DS/Co.Ext.I 11, KGW 3.217). Um cenário cultural digno de orgulho não se caracteriza pelo acúmulo de informações nem pela variedade de técnicas artísticas¹⁸.

É fundamental haver aquilo que o filósofo alemão denomina de *unidade de estilo*. Esta exigência máxima e necessária é um querer que dá forma às diferenças e imprime uma expressão à cultura. Este é o caráter plástico exigido por Nietzsche. A força plástica não se reduz a uma forma estética, mas abarca toda uma vontade que possua um enfoque criador, permitindo o surgimento de uma outra natureza para o homem: a cultura. Fora deste panorama, o que há é uma perda das distinções em favor de uma multiplicidade desconexa, de meros dados dissonantes que resultam

18 “O alemão acumula em torno de si as formas, as cores, os produtos e as curiosidades de todos os tempos e de todos os climas e cria assim essa carnavalesca confusão que seus intelectuais se encarregam em seguida de estudar e definir como a ‘essência do moderno’, enquanto que ele próprio permanece tranquilamente sentado no meio desse tumulto de todos os estilos” (DS/Co. Ext. I 1, KGW 3.159).

numa barbárie, em um caos de signos e gestos, sobre os quais o filisteu culto aproveita para gerar artificialmente uma marca de sofisticação e de modernidade¹⁹.

No caso francês, a questão incontornável é o engajamento próprio da linguagem. Ao recorrer à linguagem, o escritor faz com que as palavras sejam engendradas de sentido no exato momento da nomeação, gerando um comprometimento inerente e imediato com o dizer. Quem escreve jamais será uma *Vestal* ou um *Ariel*, pois “todos os escritos possuem um sentido, mesmo que esse sentido esteja muito afastado daquele que o autor tenha pensado dar-lhe”²⁰.

A noção de engajamento tratada em “O que é literatura?” extrapola uma simples exigência política, adquirindo uma natureza metafísica. O pensador francês se refere a um caráter próprio da linguagem, uma habilidade singular da escrita que, ao se iniciar, produz “uma transmutação contínua do real em irreal e do irreal em real”²¹, atribuindo ao escritor um engajamento que se desprende até mesmo de suas intenções iniciais. Ao transformar *as figuras do mundo*, o autor está “metido no caso, faça o que fizer, marcado, comprometido, mesmo no seu mais profundo afastamento”²². Assim, negar o engajamento é negar a própria linguagem. Tentar escrever fora deste registro é agir como “uma criança, ao acaso, fechando os olhos, só pelo prazer de ouvir tiros”²³.

19 “De fato, essa marca uniforme que nos impressiona em todos os alemães instruídos de hoje não constitui uma unidade a não ser pela exclusão e negação consciente ou inconsciente de toda forma artística fecunda e de todas as exigências de um verdadeiro estilo” (DS/Co. Ext. I, 2, KGW 3.162).

20 Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.11.

21 Cf. BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1997, p. 188.

22 Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.11.

23 Cf. SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática. 2004, p.21.

Mas este não é o único intento do crítico literário. Ele deseja mais: quer não só esvaziar a escrita como também lavá-la até não sobrar um só grão de vida em sua prosa. Estes moradores de cemitérios²⁴ buscam petrificar o pensamento dos autores mortos, lançando mão de classificações abstratas (pessimistas, idealistas, moralistas, etc.), quando não recorrem à empobrecedora análise estrita da dimensão histórica, amortecendo o impacto dos *pecados do viver*. É deste modo que os críticos constituem um novo “mundo desencarnado que o rodeia, um mundo em que as afeições humanas, como não comovem mais, passaram à categoria de afeições exemplares, em suma, de *valores*”²⁵. Tendo esmaecido a força dos verdadeiros textos clássicos²⁶, os críticos passam a atacar os ainda vivos, pedindo para que eles “não se agitem demasiadamente, e que se empenhem desde já em se parecer com os mortos que futuramente serão”²⁷.

Esta ligação estreita com a morbidez, este fascínio pela necrofilia, é um traço marcante também nos filisteus cultos. Nada mais nutritivo para um filisteu da cultura do que digerir pensadores vigorosos. Sua alegria é evidente e seu prazer indisfarçável²⁸. Até aqueles autores aparentemente eleitos por esta cultura bárbara como

24 “É preciso lembrar que a maioria dos críticos são homens que não tiveram muita sorte na vida, e que quando já estavam à beira do desespero, encontraram um lugarzinho tranquilo como guarda de cemitério» (ibid., p.24).

25 Cf. SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática. 2004, p.25.

26 Nietzsche vislumbra na cultura filisteia esta tentativa de enfraquecer a grandeza dos autores clássico. Contra isso, reage contundentemente: “Fora as patas!” (DS/Co. Ext. I, 12, KGW 3.225).

27 Cf. SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática. 2004, p.25.

28 “Um caráter é um belo pensamento para o verme e o verme é um pensamento horrível para todo ser vivo. Os vermes sonham com um reino celeste sob a forma de um corpo bem gordo, os professores de filosofia procuram o deles remexendo as entranhas de Schopenhauer (...) O filisteu à moda de Strauss se aloja nas obras de nossos grandes poetas e de nossos grandes músicos como um verme que vive destruindo, que admira devorando e que adora digerindo” (DS/Co. Ext. I, 6, KGW 3.184).

dignos de respeito sofrem rasgos e fissuras na vitalidade de suas obras quando tomados por clássicos ou merecedores de homenagem, pois “tudo isso não passa de pagamento em moeda corrente, ao que consente o filisteu instruído, a fim de poder ignorá-los no restante e acima de tudo, a fim de não ser forçado a seguir suas pegadas e a prosseguir suas pesquisas” (DS/Co. Ext. I 2, KGW 3.164).

Este gosto pelo estável e seu prezar pela quietude evidenciam o incômodo do filisteu culto com as vicissitudes da vida, contra sua natureza contingente e seu caráter mutante. Nada mais marginal a uma cultura bárbara do que a desmedida. É preciso o decoro e a postura típica das belas almas. Por isso, “rejeitam (...) essa confusão de filósofos delirantes e incongruentes, com suas teorias históricas extravagantes e tendenciosas, (...) essas aberrações poéticas engendradas na embriaguez, pois o filisteu não pode realmente permitir-se um excesso” (ibid. ibidem). Portanto, estes bárbaros, no comando da cultura, atuam incessantemente na busca de aplacar qualquer tipo de abuso. Dentro dos seus *escritórios de estudo*, constroem novas interpretações a fim de suavizar formas do pensar que ainda insistam em romper com a harmonia da *doçura do viver*²⁹.

A tranquilidade é o ar que respira o crítico literário. Para Sartre, este andar compassado, esta prudência cultivada são frutos de um descaso proposital com o tempo presente. O erudito queria ser um homem do futuro e assim se ver livre de todas as exigências de sua época. Ele quer manter suas luvas limpas, tão puras quanto a arte a que ele se dedica³⁰. Deste jeito, acabam por transformar suas

29 “Os mesmos filisteus satisfeitos se apoderaram também, sempre para salvar sua quietude, da história e procuraram transformar todas as ciências que ainda ameaçavam perturbar sua satisfação, particularmente a filosofia e a filologia clássica, como disciplinas históricas. Pela consciência histórica, eles se garantem contra o entusiasmo” (DS/Co. Ext. I, 2, KGW 3.165).

30 “Nossos críticos são como hereges cátaros: não querem ter nada a ver com o mundo real, salvo comer e beber, e já que é imperiosamente necessário conviver com os nossos semelhantes, decidiram fazê-lo com os defuntos” Cf. SARTRE, J-P. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática. 2004, p.25.

bibliotecas em locais assépticos, protegidos da vida tanto quanto os cemitérios são avessos aos vivos (“Deus sabe o quanto os cemitérios são tranqüilos: os mortos estão lá!”³¹).

* * *

Só por leviandade é possível afirmar haver uma comunhão teórica entre as figuras do filisteu culto e o crítico literário. O primeiro personagem se refere a um tipo que se julga ser *predileto das musas*, um intelectual artista, produtor de variedades, miscelânea esta tomada irresponsavelmente por cultura. Já o crítico literário é um comentarista, um resenhista de obra alheia, atribuidor de valor do trabalho de outrem. É aquele que analisa e qualifica a produção artística em nome de valores desencarnados.

Buscar também justapor a reivindicação de unidade de estilo na cultura à imposição de engajamento na linguagem só é possível através de vistas fracas por parte do moderador³². A unidade de estilo é uma tentativa de dar conta da multiplicidade das expressões artísticas sem que a cultura decaia para um relativismo populista ou uma sofisticação afetada. Enquanto o engajamento é um clamor por uma dimensão ética da linguagem, um apelo ao caráter plural da literatura.

Posto tais ressalvas, não é admissível negar a percepção de uma afinidade nos textos expostos aqui. Este sentimento, em verdade, extrapola os ensaios escolhidos para análise. A utilização de outros escritos de Sartre e Nietzsche, como “O ser e o nada”

31 *ibid.*, *ibidem*.

32 “Quem pretende servir de mediador entre dois pensadores resolutos condena-se à mediocridade: não tem olhos para distinguir o que é único; ver semelhanças em tudo é sinal de vista fraca” Cf. Nietzsche *apud* MURICY, K. *Benjamin e Nietzsche: considerações sobre o conceito de história e a crítica da cultura*. In: *Revista Síntese Nova Fase*, V.20, n.63. Belo Horizonte. 1993, p.663 (FW/GC 228, KGW 5.189).

e “Genealogia da Moral” ou ainda “Carnets de la drôle de guerre” e “Ecce homo”, por exemplo, em nada comprometeria esta sensação de simpatia intelectual. O que sugere, quanto a origem deste parentesco bastardo, algo para além do apartado conceitual de cada autor.

Uma indicação promissora para esta questão é a tarefa que cada um destes filósofos se impôs de pensar o seu tempo. Para Sartre, pensar é se lançar no mundo, na vida. Como não há meios de fugir do presente, o homem deve abraçar sua época³³. É desta forma que o filósofo francês crê ser capaz de intervir em seu tempo: pensar o presente em nome de um porvir, entretanto não um porvir em fuga, mas na afirmação de um *agora*³⁴.

Como não associar uma compreensão de pensamento encarnado, de uma filosofia do presente, com uma postura extemporânea? Nietzsche se faz inatual para ser um melhor crítico do seu tempo. O presente só floresce para a filosofia quando o pensador rompe a relação imediata e natural com o tempo. Do contrário, o homem descobre-se à imagem e semelhança de um fantoche guiado pelo destino. É através de uma atitude intempestiva, de um distanciamento interessado, que é possível vislumbrar um futuro capaz de fornecer instrumentos para atacar os equívocos do presente. Em “Schopenhauer educador”, Nietzsche define a implicação do futuro no presente em seu agir extemporâneo:

Mas, ainda que o futuro não nos deixasse qualquer esperança, a singularidade da nossa existência neste *momento preciso* é o que nos encorajaria mais fortemente a viver segundo a nossa própria lei e conforme a nossa própria medida: quero falar sobre este fato

33 “(A nossa época) talvez não seja a melhor, mas é a nossa, temos apenas *esta vida para viver*” Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.12.

34 “É o futuro da *nossa* época que deve ser o motivo dos nossos cuidados: um futuro limitado que mal se distingue - porque uma época, como um homem, é antes de mais nada um futuro” (ibid., p.18).

inexplicável de vivermos justamente *hoje*, quando dispomos da extensão infinita do tempo para nascer, quando não possuímos senão o curto lapso de tempo de um *hoje* e quando é preciso mostrar nele, porque razões e para que fins, aparecemos exatamente agora. Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como verdadeiros timoneiros desta vida, e não permitir que nossa existência pareça uma contingência privada de pensamento (SE/Co.Ext.III 1, KGW 3.335).

Os ecos deste testemunho parecem ressoar nas palavras de Sartre no “Les Temps Modernes”:

Não queremos olhar o nosso mundo com os olhos do futuro, o que seria o meio mais seguro de o matar; queremos vê-lo com os nossos olhos de carne, com os nossos verdadeiros olhos perecíveis. Não queremos ganhar o nosso processo em apelo e não queremos uma reabilitação póstuma: é agora e ainda em vida que os processos se ganham ou se perdem (...) (porque) não é perseguindo a imortalidade que nos tornaremos eternos: não seremos absolutos por termos refletido nas nossas obras alguns princípios desencarnados, suficientemente vazios e nulos para passarem de um século ao outro, mas porque *combatemos* apaixonadamente na nossa época, porque amamos com paixão e porque decidimos perecer completamente com ela³⁵.

Enfim, a influência filosófica de Nietzsche em Sartre não é identificada por conceitos ou recuperação de temas tratados, mas sim por um *agir*, por uma maneira de se portar no mundo, atitude que acaba por condicionar todo um pensamento filosófico.

Contudo, houve uma mudança. A multiplicidade se desgarrou da vida e se tornou um mérito em si mesma e uma nova ordem foi estabelecida. A prática de um jeito, de um fazer filosófico,

35 Cf. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista “Les Temps Modernes”*. In: *Situações II*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968, p.14.

criticado por Nietzsche e Sartre, antes taxada de barbárie, criou raízes e tornou-se expressão dominante. Longe desta tragédia pôs fim às batalhas. Apenas os nossos autores foram obrigados a trocarem de trincheiras. Aquele agir não era mais cultuado, mas tido como marginal ao processo vigente. Aquilo que era degenerado assumiu a face do instituído e respeitado, e aqueles que desafiavam o seu poder, tornaram-se bárbaros. Perante sua contemporaneidade, tanto Nietzsche quanto Sartre incorporaram os valores bastardos com o intuito de confrontar seus iguais e de transformar suas épocas, civilizações empobrecidas pelo aviltamento da própria noção de homem e de cultura.

Se, por ingenuidade, possa parecer pouco este agir filosófico ser o constitutivo desta relação filosófica entre Sartre e Nietzsche, é somente pelo leitor desconhecer o quanto *sui generis* é a empreitada intelectual destes bárbaros da modernidade. Nada poderia ser mais concreto do que esta influência existencial, esta aproximação quase que corpórea. Afinal, a única herança possível que um andarilho pode deixar a outro é o movimento do próprio corpo, sua inquietude frente à mesmice. O único espólio a ser reclamado por um bárbaro é o seu desejo por dilacerar o estabelecido sob bases ilusórias; é o martelo rumo àquilo cristalizado pela inércia. Entender o parentesco de Sartre com Nietzsche ganha relevo a partir deste cenário contemporâneo.

O segredo do agir sartriano, o seu encanto é esta inspiração pouco consciente de Nietzsche, este ímpeto perante a vida deixado pelo filósofo alemão. De certa forma, Sartre é um nietzschiano pelo avesso, solto das amarras conceituais de sua inspiração, livre então para refletir, à sua maneira, o seu próprio tempo.

Neste sentido, tentar encontrar rastros na obra sartriana de um Nietzsche mais conceitual ou, em outras palavras, tentar ver Sartre

como um intérprete tradicional de Nietzsche é afastar de vez qualquer possibilidade de vislumbrar a espetacular e decisiva contribuição nietzschiana no modo de se portar sartriano³⁶.

A falta de percepção de Sartre quanto à sua dívida com Nietzsche diz menos respeito à uma má compreensão dos preceitos filosóficos do pensador alemão e mais a própria natureza inesperada deste diálogo, ou seja, a este agir comum, a esta postura existencial.

Esta *semelhança sem igualdade* é fruto de um espelho existencial. Sartre, ao criticar e menosprezar Nietzsche, acaba por evidenciar a si próprio. O pensador alemão traz à tona aquilo que o filósofo francês nunca soube aceitar pacificamente em sua história: sua obsessão pela palavra, seu desejo de se tornar um escritor, seu gosto pelo estilo, enfim, sua autointitulada “neurose burguesa”³⁷. Nietzsche surge como imagem refletida daquilo que Sartre sempre tentou transformar ou superar, mas jamais conseguiu se desvencilhar: a ele próprio.

36 Por isso, apesar do corajoso título concedido a Sartre (“um nietzschiano inconsciente” – Cf. DAIGLE, C. *Sartre and Nietzsche: Brothers in arms*. In: *Sartre's Second Century*. O'Donohoe, Benedict and Elveten, Roy (org.). Newcatle: Cambridge Scholars Publishing. 2009, p.57), Daigle trilha um caminho oposto do sugerido neste ensaio. Ainda presa a uma minuciosa pesquisa analítica, a autora de “Le nihilisme est-il un humanisme?” busca encontrar nas entranhas do corpo conceitual de cada autor um “DNA” que prove a ancestralidade em questão. De forma bem resumida, Daigle acredita ser possível aproximar o conceito de autenticidade sartriana à noção de super-homem nietzschiana (“Minha reivindicação é de que o superhomem é, essencialmente, o homem autêntico sartriano e vice versa” Cf. DAIGLE, C. *Sartre and Nietzsche: Brothers in arms*. In: *Sartre's Second Century*. O'Donohoe, Benedict and Elveten, Roy (org.). Newcatle: Cambridge Scholars Publishing. 2009, p.70), concluindo que “o autêntico humanismo é, antes de mais nada, um niilismo” Cf. DAIGLE, C. *Le nihilisme est-il un humanisme?* – Étude sur Nietzsche et Sartre. Québec: Les Presses de L'Université Laval. 2005, p.240. Para uma compreensão mais detalhada do percurso trilhado por Daigle, ver DAIGLE, C. *Le nihilisme est-il un humanisme?* – Étude sur Nietzsche et Sartre. Québec: Les Presses de L'Université Laval. 2005

37 Esta expressão passa a ser recorrente nas diversas entrevistas concedidas por Sartre a partir do lançamento do livro “As palavras” em 1964.

Sabemos de seu projeto declarado de utilizar cada análise existencial como possível rota para sua própria vida. Mas Baudelaire e Flaubert, apesar de geniais, eram impróprios para tal empreitada. A figura emblemática não podia ser unicamente um escritor. Era preciso que a filosofia e a escrita estivessem brilhantemente em exercício em um único ser. Sartre não percebeu que seu modelo mais talhado, sua batalha mais tortuosa teria sido o confronto com o “ser-no-mundo” nietzschiano.

Talvez esta cegueira seja produto de sua insistente busca por se converter num homem radicalmente livre, solto das amarras culturais, sociais e políticas, abdicando de qualquer ilusão metafísica. Movimento este que se instaura imediatamente e, a despeito da vontade individual, em caráter irrevogável e inalienável da existência humana. Porém, como ele mesmo nos ensinou, Sartre deveria ter percebido quanto a sua “neurose”, que somos livres para sermos tudo, só não podemos *não-ser*. Aquele homem francês, educado pelo avô, que se refugiava nos livros, personalidade central do pós-guerra, referência original para as gerações seguintes, militante até o último suspiro de vida, só pôde se constituir como projeto a partir de si mesmo, de seus medos e anseios, do abismo insuperável entre o projeto e sua realização, entre *ser o que não é e não ser o que é*.

Por causa disso, e não *apesar* disso, esta interlocução muda, uma peculiar e intensa afinidade, à revelia de uma mera ascendência teórica, vislumbra na definição de Lévy, ao analisar o caráter festivo do pensamento sartriano, a conclusão lapidar deste encontro: «Dizia Nietzsche não poder crer em um Deus que não soubesse dançar. Sartre não crê, dança!»³⁸.

38 Cf. LÉVY, B-H. *O século de Sartre - inquérito filosófico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001, p.40.

Abstract: This essay intends to reflect on the singular relationship between Nietzsche and Sartre. Of the infamous accusations from Sartre about the Nietzsche's pseudo-philosophical relevance to the confluent points found in the texts analyzed "David Strauss: the confessor and the writer" and "What's literature?", arises the possibility of a new understanding of this affinity existential beyond the conceptual apparatuses of each author.

Keywords: inauthentic culture – untimeliness – philosophical act – existential mirror

referências bibliográficas

1. BEAUVOIR, S. *A cerimônia do adeus - seguido de Entrevistas com Jean-Paul Sartre*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1982.
2. BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1997.
3. DAIGLE, C. *Le nihilisme est-il un humanisme? – Étude sur Nietzsche et Sartre*. Québec: Les Presses de L'Université Laval. 2005.
4. _____. *Sartre and Nietzsche: Brothers in arms*. In: *Sartre's Second Century*. O'Donohoe, Benedict and Elveten, Roy (org.). Newcatle: Cambridge Scholars Publishing. 2009.
5. LÉVY, B-H. *O século de Sartre - inquérito filosófico*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001.
6. MARTON, S. *Voltas e reviravoltas - acerca da recepção de Nietzsche na França*. In: *Nietzsche, um "francês" entre os franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla; Discurso Editorial. 2009.

7. MURICY, K. *Benjamin e Nietzsche: considerações sobre o conceito de história e a crítica da cultura*. In: *Revista Síntese Nova Fase*, v.20, n.63. Belo Horizonte. 1993.
8. NIETZSCHE, F. *Werke: Kritische Gesamtausgabe (KGW)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter & CO., 1968-1978.
9. _____ *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2005.
10. _____ *I consideração intempestiva: David Strauss, sectário e escritor*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala. 2008.
11. _____ *III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador in Escritos sobre educação*. 4ª Edição. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo, Editora Loyola. 2009.
12. RIDER, J. *Nietzsche en France - De la fin du XIX siècle au temps présent*. Paris: Presses Universitaires de France. 1999.
13. SARTRE, J-P. *Apresentação da revista "Les Temps Modernes"*. In: *Situações II*. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América. 1968.
14. _____ *Carnet Midy*. In: *Écrits de Jeunesse*. Constat, Michel et Rybalka, Michel (org.). Paris: Éditions Gallimard. 1990.
15. _____ *O que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática. 2004.
16. _____ *O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes. 2005.

17. _____ *Ida e volta*. In: *Situações I - críticas literárias*. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Editora CosacNaify. 2005.

Artigo recebido em 16/05/2011.

Artigo aceito para publicação em 28/05/2011.

